



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

O ABANDONO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: O CASO DA ANTIGA FÁBRICA DA PERFUMARIA KANITZ E DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA LEOPOLDINA

THE ABANDONMENT OF THE INDUSTRIAL HERITAGE OF THE RIO DE JANEIRO CITY: THE CASE OF THE OLD KANITZ PERFUMERY FACTORY AND THE OLD LEOPOLDINA RAILWAY STATION

Zenilda Ferreira Brasil. MAST.

Marcus Granato. MAST.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de apresentar dois patrimônios industriais edificados da cidade do Rio de Janeiro, que se encontram em situação de abandono e de que maneira podem adquirir novos usos, atendendo às diversas demandas da sociedade contemporânea como habitação, lazer, cultura, educação etc. Construídas nas primeiras décadas do século XX, essas instalações tiveram no passado, importante participação no desenvolvimento industrial da cidade. Tombadas pelos órgãos de preservação do patrimônio cultural na esfera estadual e municipal, foram selecionadas a partir do Guia do Patrimônio Cultural Carioca (2014). A fundamentação teórica apresenta duas linhas de discussões com pontos de vista diferenciados, buscando, entre elas, um denominador comum: a primeira defendida por Varine (2012) e Bergeron e Dorel-Ferré (1996), na valorização dessas edificações para novas funções, permitindo a esses espaços uma “segunda vida”; e a segunda, defendida por Meneguello (2011) e Kühl (2008). Meneguello acredita que esses novos usos buscam limpar, ordenar e apagar memórias que podem ser chamadas de difíceis e Kühl chama a atenção para as restaurações desses espaços, enfatizando que mudanças não controladas levam a perdas irreparáveis. Em termos metodológicos, utilizamos o processo analítico, priorizando num primeiro momento a observação “in loco” dessas edificações para, em seguida, trabalharmos a pesquisa bibliográfica sobre essa categoria de patrimônio (industrial). As considerações finais apontam que deve haver uma conciliação, entre não negligenciar parte importante da história da industrialização e do trabalho carioca através dessas edificações e atender às demandas da sociedade atual.

Palavras-Chave: Patrimônio industrial. Preservação. Rio de Janeiro. Conversão funcional.

Abstract: This paper aims to present two industrial heritage build in de Rio de Janeiro, city, which are in a situation abaddonment and how they can acquire new uses, meeting the diverse demands of contemporary society such as housing, leisure, culture, education etc. Built in the first decades of the twentieth century, these facilities have in the past played an important role in the city's industrial development. Protected by cultural heritage preservation bodies at the state and municipal levels, they were selected from the Carioca Cultural Heritage Guide (2014). The theoretical foundation presents two lines of discussions with differentiated points of view, seeking, among them, a common denominator: the first defended by Varine (2012) and Bergeron and Dorel-Ferré (1996), in the

valorization of these buildings for new functions, allowing these spaces a “second life”; and the second, defended by Meneguello (2011) and Kühn (2008). Meneguello believes that these new uses seek to clean, sort and erase memories that can be called difficult and Kühn draws attention to the restoration of these spaces, emphasizing that uncontrolled changes lead to irreparable losses. In methodological terms, we use the analytical process, prioritizing, initially, the observation “in loco” of these buildings to then work on bibliographic research on this (industrial) heritage category. Final considerations point out that there must be a reconciliation between not neglecting an important part of the history of industrialization and Rio's work through these buildings and meeting the demands of today's society.

Keywords: Industrial heritage. Preservation. Rio de Janeiro. Functional conversion.

1 INTRODUÇÃO

Para compreendermos o cenário de abandono dos patrimônios industriais da cidade do Rio de Janeiro, que ainda não adquiriram novos usos, é necessário traçarmos um breve panorama do desenvolvimento industrial da cidade, para em seguida, entendermos as demandas da sociedade atual. O processo industrial da cidade do Rio de Janeiro teve início em meados do século XIX (BAER, 1979, p.285-7). Pequenas fábricas começaram a surgir com a vinda da família real portuguesa para a Colônia e com a “Abertura dos Portos”, em 1808 (OLIVEIRA; RICUPERO, 2007, p.179). Fator fundamental foi a revogação do alvará, em 1809, que proibia todas as atividades industriais na Colônia. Outros fatores contribuíram para essa abertura ao longo do século XIX. A partir de 1844, quando foram elevadas as taxas médias de importação através da “Tarifa Alves Branco” e com a proibição do tráfico de escravos, pela “Lei Eusébio de Queirós” (1850) (MATTOS; DOTTORI; SILVA, 1972, p.97), que o Rio de Janeiro apresentou o primeiro impulso industrial no país, principalmente através dos empreendimentos do barão de Mauá. Esse impulso em direção ao desenvolvimento industrial se estendeu do período imperial até os primórdios da República. Existiam nesse período, importantes engenhos de açúcar, fundições e algumas fábricas, sendo na sua maioria de bens de consumo não duráveis, destacando-se também algumas indústrias de bens duráveis (móveis).

No primeiro período republicano (1889-1930), a indústria brasileira foi se desenvolvendo, principalmente na produção de tecidos e na transformação de alimentos. Em 1907, no primeiro “inquérito industrial” brasileiro, constatou-se a existência de 3.000 estabelecimentos fabris, empregando diversos operários (MATTOS; DOTTORI; SILVA, 1972, p.224). Dessas indústrias, a terça parte localizava-se no Distrito Federal (Rio de Janeiro), mas o desenvolvimento industrial enfrentava muitas dificuldades, com a concorrência dos produtos estrangeiros, e os defensores da industrialização reclamavam do governo medidas

protetivas para as indústrias brasileiras. Mas, foi no decorrer das primeiras décadas do século XX, que a pioneira indústria carioca teve sua dinâmica alterada, perdendo a liderança para São Paulo, principalmente em função dos lucros excedentes, gerados pelas exportações de café, por parte dos produtores paulistas (RIBEIRO, 2002, p.352). Porém, essa queda no cenário industrial carioca favoreceu uma diversificação da produção local.

Com a tomada do poder por Getúlio Vargas (1930), foi adotado um conjunto de políticas econômicas e sociais, que marcaram de forma incontestável o desenvolvimento industrial, a urbanização e a organização da sociedade brasileira. A produção econômica, ainda fortemente baseada na produção agrícola (cafeicultura), passou a ser substituída pela industrial. Inúmeras fábricas e estabelecimentos industriais se instalaram na cidade do Rio de Janeiro, ao longo da gestão Vargas. Nesse período, houve um deslocamento espacial das unidades produtoras. Espaços fabris e industriais anteriormente ocupados foram abandonados, nas áreas do centro, zonas sul e norte da cidade, e instaladas em novas localidades da então capital do Brasil.

Essa movimentação ocorreu em função do progressivo crescimento da cidade; do aumento nas dimensões físicas tanto das empresas como das fábricas; da busca de novos mercados consumidores; das alterações nos meios de transportes e nos fluxos de energia, além das mudanças tecnológicas da própria indústria. Uma das direções seguidas por esse deslocamento foi através da abertura de novas unidades na periferia da cidade, ou em áreas satélites do Rio de Janeiro. Essas mudanças levaram em conta, tanto o crescimento interno das fábricas como a busca de terrenos mais baratos, tendo em vista, a valorização de certas áreas da cidade, em virtude de obras de urbanização empreendidas pela municipalidade. A construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), no Vale do Paraíba, em Volta Redonda (1946), atraiu diversas plantas industriais para a região, tanto do setor metalúrgico como do setor de bens de consumo. A abertura da Avenida Brasil, em 1946, e da BR-116 (Via Dutra), inaugurada em 1951, foram fatores fundamentais de expansão das indústrias, sendo a Baixada Fluminense, uma região que muito sentiu os efeitos desse processo. O crescimento e a modernização da cidade do Rio de Janeiro ao longo dos anos e o surgimento de novas tecnologias para a área industrial deixaram para trás diversos empreendimentos fabris, industriais e suas infraestruturas, considerados já nesse momento obsoletos. Ficando no cenário urbano da cidade essas instalações, algumas tombadas, mas fechadas e sem nenhuma função.

Em contrapartida, com o crescimento desordenado da cidade, ao longo dos anos, surgiram diversas demandas da sociedade por espaços que atendessem às suas necessidades

por moradia, educação, lazer, cultura, assistência social e trabalho. Essas instalações adaptadas atenderiam a esse setor e, em termos econômicos, seria mais viável a preservação da edificação, atendendo a critérios específicos, do que a demolição para a construção de um novo edifício (CASTELNOU NETO, 1992, p.267).

2 A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

O interesse pela preservação do patrimônio industrial teve início na Inglaterra e a discussão sobre o tema surgiu com ênfase, no século XX, no período pós-guerra. A Segunda Guerra Mundial destruiu inúmeros prédios industriais, principalmente na Inglaterra, o que gerou em meados de 1950, diversos movimentos em prol da recuperação dessas edificações, época em que se utilizava a denominação “arqueologia industrial”, para tratar desses remanescentes. Contudo, o termo posteriormente foi compreendido como um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios materiais e imateriais envolvido nos processos industriais (TICCIH-BRASIL, 2003a, p.3) e ainda utilizado em alguns países.

Em 1978, face aos diversos movimentos em prol da preservação dessa nova categoria de patrimônio, foi criado *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* - TICCIH. Com base nos anseios dos profissionais envolvidos com a questão, através de intercâmbios, de reuniões científicas, nacionais e internacionais e contando com a colaboração dos órgãos dedicados ao tema, em 2003, foi elaborada na Conferência do TICCIH na Rússia, a Carta de *Nizhny Tagil* (TICCIH-BRASIL, 2003a).

Segundo a referida Carta, configura-se patrimônio industrial, todos aqueles bens, que se enquadram no recorte cronológico que alcance os primórdios da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até os dias atuais. Trata-se de estruturas e infraestruturas que, de alguma forma, trouxeram inovações tecnológicas e mudanças sociais. Assim, nem toda instalação industrial é patrimônio industrial. Deve-se identificar nesse patrimônio, os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Em relação ao patrimônio edificado, esses vestígios materializam-se em construções associadas ao processo industrial como: oficinas, fábricas, minas, locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, todas as estruturas e infraestruturas relacionadas aos meios de transporte, como também os espaços onde desenvolveram-se atividades sociais vinculadas com a indústria como habitações, locais de culto ou de educação (TICCIH-BRASIL, 2003a, p.3).

No Brasil, ainda no ano de 2003, foi elaborada uma “Carta Manifesto” (TICCIH-BRASIL, 2003b), pelo então “Comitê Provisório pela Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil”, fruto das discussões informais de profissionais das áreas de História, Sociologia, Arquitetura, dentre outras. Esses profissionais reuniram-se com o objetivo de discutir os rumos do patrimônio industrial brasileiro e reivindicar a criação de um “Comitê para Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil”, em face do vácuo de organizações nessa área e da rápida destruição/deterioração do parque industrial nacional. Esse grupo de acadêmicos de diferentes áreas e militantes comunitários fundou, em 2004, o “Comitê Brasileiro para Conservação do Patrimônio Industrial” (TICCIH-Brasil), seção nacional da organização internacional (TICCIH). Entre os objetivos deste comitê está o apoio às iniciativas de preservação do patrimônio industrial, proporcionando suporte às comunidades e, eventualmente, aos órgãos responsáveis do poder público. Além disso, deve servir também como organização de estudos e pesquisas, divulgação da causa preservacionista, articulando comunidades, organizações da sociedade civil, entidades empresariais e sindicais, tanto na preservação deste patrimônio, como na busca de alternativas para a sua revitalização.

Contudo, a preservação do patrimônio industrial no Brasil e, em especial, na cidade do Rio de Janeiro é bastante delicada e envolve uma infinidade de fatores.

3 OS PATRIMÔNIOS INDUSTRIAIS ABANDONADOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Como já abordado, boa parte das instalações industriais e das infraestruturas que deram suporte ao desenvolvimento industrial da cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX até meados do século XX, foi demolida ou desativada, estando uma pequena parcela dessas edificações ainda na paisagem urbana da cidade. São fábricas, estações ferroviárias, trapiches e armazéns de mercadorias importadas e exportadas, moinhos etc. Através do “Guia do Patrimônio Cultural Carioca”, que reúne os bens tombados pelos três órgãos de proteção do patrimônio cultural (IPHAN, Inepac e CMPC) na cidade do Rio de Janeiro, até o ano de 2014, foram identificadas quatro edificações em situação de abandono, construídas nas primeiras décadas do século XX. Contudo, apenas duas estão em condições de serem convertidas funcionalmente: a antiga Fábrica da Perfumaria Kanitz (Figura 1) e a antiga Estação Ferroviária Leopoldina (Figura 2). São estruturas e infraestruturas, que contribuíram tanto para o desenvolvimento industrial como para a mobilidade dos trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro.

Os patrimônios selecionados foram valorizados e considerados bens públicos tanto na esfera estadual como municipal, solicitados seus tombamentos por iniciativa popular

(individual ou coletiva) ou pela sociedade civil e por terem sido desativadas a menos tempo, têm conseqüentemente mais conexões com a sociedade atual.

Um breve perfil dessas instalações possibilita compreender sua atual situação de abandono no cenário urbano da cidade. Analisando essas edificações podemos vislumbrar suas potencialidades para futura conversões funcionais.

4 PERFUMARIA KANITZ

A Perfumaria Kanitz, ainda é uma marca que se encontra no mercado brasileiro. Atualmente está localizada no bairro do Engenho Novo, na zona norte da cidade. Originalmente fundada em 1874, por imigrantes húngaros, que instalaram na cidade a primeira indústria de sabonetes a utilizar o processo a vapor (KANITZ, 2017, p.1) e a segunda mais antiga indústria de cosméticos e perfumaria da cidade. Em 1922, a fábrica é instalada no edifício da rua Washington Luís, 117, no centro da cidade, construído especificamente para abrigar o estabelecimento, com projeto e execução de Santos Filho (MARTINS, 2009, p.376). A fábrica era dividida em blocos, com prédios para escritórios com três pavimentos; para expedição com dois pavimentos; blocos industriais Norte e Sul, além de prédios para laboratórios e oficinas fabris que eram conectados por sistema de carretas sobre trilhos (PATRÃO, 2010) e ainda mantém no frontão da fachada as iniciais “PK” entrelaçadas (Perfumaria Kanitz). Suas inovações tecnológicas fazem dessa fábrica importante exemplar de conjunto industrial.

Desativada em 1984, num período conturbado no cenário político e econômico nacional, onde a alta da inflação, a desvalorização e a mudança da moeda nacional fizeram com que importantes empreendimentos cessassem suas atividades (VAINFAS; FARIA; FERREIRA; SANTOS, 2010, p.394-96). Tombada em 1987 pelo Conselho Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro - CMPC foi desapropriada em 1997. Desde então, este prédio da antiga fábrica da Perfumaria Kanitz encontra-se em estado de total abandono. Observando a referida edificação, *in loco*, se percebe que ainda não houve maiores interferências na sua estrutura industrial, como apontado acima.

Figura 1– Fachada da antiga fábrica da Perfumaria Kanitz. 2021, localizada na rua Washington Luís, 117 (Centro).



**Foto: Zenilda Brasil, 2020
Fonte: Zenilda Brasil**

5 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA LEOPOLDINA

Já a Estação Ferroviária Leopoldina foi construída em 1926, com o nome de barão de Mauá, em homenagem a Irineu Evangelista de Souza, pioneiro no transporte ferroviário brasileiro contava com charutaria, restaurante, capela e administração. Com projeto do arquiteto inglês Robert Prentice, sua construção veio interligar o centro do Rio de Janeiro as cidades de Petrópolis e Três Rios, servindo também de estação intermediária. Posteriormente, foi ponto de partida ou de chegada para outras localidades, como São Paulo e Belo Horizonte. Em 1991, foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – Inepac, pelos seus valores artísticos e históricos. Em 2002, a estação foi desativada para embarque de passageiros, tendo apenas em 2015 as instalações do 2º andar utilizadas para o gabinete do secretário estadual de transporte e suas subsecretarias, a época.

A administração da Estação Ferroviária Leopoldina é pública, e ela pertencia à Estrada de Ferro Leopoldina, de 1926 a 1975, nome ainda registrado no frontão da fachada. Passando a partir de então para a Rede Ferroviária Federal S.A., até 1997, quando ficou sob a responsabilidade da Supervia, até o encerramento de suas atividades, em 2002, sendo remanejado este terminal para a Estação Ferroviária D. Pedro II, construída em 1937, sendo a atual Estação Central do Brasil, ainda em atividade. Atualmente, o prédio da antiga Estação Ferroviária Leopoldina é alvo do descaso tanto do poder público como da sociedade em geral, com pichações e vandalismos, como observado na figura 2, abaixo.

Figura 2 – Fachada da antiga Estação Ferroviária Leopoldina. 2018, localizada na Avenida Francisco Bicalho.



**Foto: Pablo Jacob.
Fonte: Agência O Globo.**

Analisando as duas edificações apresentadas, percebe-se que, no primeiro caso, as características industriais ainda se mantêm e que, no segundo caso, a edificação internamente foi totalmente descaracterizada. Apesar desses dois bens citados terem passado por processo de valorização de suas características históricas, arquitetônicas ou estéticas, a ação do tombamento propriamente dita, não garantiu ao patrimônio sua preservação. Sabemos que o tombamento é um ato jurídico e a preservação uma ação social que envolve outros fatores como o inventário, o registro documental e fotográfico, e principalmente, passando pela educação patrimonial. É importante que os jovens nas escolas, nas universidades e nas comunidades passem a conhecer, nesse caso, o patrimônio cultural carioca, em visitas a museus, monumentos e sítios, e nas próprias aulas com palestras com profissionais da área cultural, e percebam que vandalizá-los ou depredá-los, traz mais prejuízo para a população, que para o poder público.

Primeiramente é necessário conhecer a história da sua cidade e valorizá-la, como pertencente à sua própria história, e compreender que o valor empenhado na reposição de um bem poderia ser mais bem empregado em algo que lhe trouxesse mais benefícios. A valorização do patrimônio cultural passa necessariamente pela educação patrimonial.

O abandono do patrimônio cultural no Brasil, e em especial, na cidade do Rio de Janeiro, vem nos últimos anos sendo marcado por constantes sucateamentos dos órgãos públicos de preservação do patrimônio, e das instituições culturais, com cortes de verbas, aposentadoria de profissionais, faltas de concurso público e imposição nas gestões públicas.

Diante do cenário atual de abandono, em relação ao patrimônio industrial, principalmente dos exemplos já citados, a falta de uma nova utilização, mesmo o imóvel sendo

tombado, não traz ao bem valorado garantia de sobrevivência. Já houve casos de bens culturais da área industrial, protegidos, desativados e sem novos usos, que atendiam a interesses políticos, econômicos e imobiliários, que foram destombados e demolidos, como o caso da antiga fábrica da Cervejaria Brahma, instalada na cidade do Rio de Janeiro, desde 1888.

6 CONVERSÕES FUNCIONAIS DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Como já explicitado, existem diversos patrimônios industriais desativados na cidade do Rio de Janeiro. São construções na maioria das vezes de grandes dimensões que se encontram fechadas e abandonadas no cenário urbano da cidade. Ao passo que, também existe na cidade uma grande demanda por espaços que atendam às necessidades da sociedade de modo geral e mais especificamente as menos favorecidas.

As organizações não governamentais de preservação do patrimônio industrial e os profissionais dedicados ao tema pleiteiam que se levem em consideração ao avaliar uma instalação industrial além das características arquitetônicas, históricas e estéticas, também os valores científicos, tecnológicos e, principalmente, os sociais inerentes à constituição desses empreendimentos. Mas é notório, que em grandes metrópoles como o Rio de Janeiro, por exemplo, essas edificações normalmente localizadas em áreas estratégicas para o fluxo de mercadorias e mobilidade social, sejam alvo de novos investimentos, ou através de conversões funcionais ou na demolição total dessas instalações para novas construções. E é justamente nesse ponto, das conversões funcionais, que autores como Hugues de Varine, Louis Bergeron, Gracia Dorel-Ferré, Cristina Meneguello e Beatriz Kühl, apresentam seus pontos de vista.

Os autores selecionados para essa análise, de modo geral, concordam com a sustentabilidade do patrimônio, como recurso de desenvolvimento local, desde que a comunidade da área esteja envolvida com esse processo. Em relação ao patrimônio industrial, Varine (2012, p.7) e Bergeron e Dorel-Ferré (1996, p.3) entendem a necessidade de uma conversão funcional como forma de oferecer ao patrimônio uma “segunda chance”, com base em consulta a pesquisadores do tema, e aponta que na maioria das vezes o que se percebe dessas iniciativas é a ausência de estratégias que levam ao mau uso desse patrimônio. Em contrapartida, Meneguello (2011, p.252) vê nesses novos usos formas de apagamento das memórias coletivas daquele lugar, e questiona se esses lugares estão mesmo desprovidos de sentido. E reforçando esse pensamento, Kühl (2008, p.55) observa que existe dificuldade por

parte dos projetistas em respeitar as especificidades dessas edificações, consideradas por eles meros recipientes.

As ideias expostas dos autores trazem na verdade preocupação com a preservação do patrimônio cultural. Converging ou diverging, cada um a seu modo, entende que uma edificação, no caso industrial, para ser convertida para outros usos, deve manter algum vínculo com seu passado industrial e atender a diversos critérios como: consulta a pesquisadores de história da indústria e do trabalho, a arquitetos que respeitem as características arquitetônicas da edificação, a comunidade local, realização de levantamentos sistemáticos etc.

Devemos ter clareza, que dificilmente uma conversão funcional de uma instalação industrial manterá intacta sua estrutura física, principalmente dependendo da sua nova utilização. Sabemos que os interesses que envolvem essas edificações são normalmente de cunho econômico e imobiliário, e que o m² de um terreno na cidade do Rio de Janeiro é muito caro. A cidade cresceu desordenadamente, nas últimas décadas, sem maiores planejamentos, e com carência de atuações em diversas áreas como habitação, educação, lazer, cultura e comércio.

As edificações aqui apresentadas, hoje, desativadas e abandonadas, foram lugares que desenvolveram novas técnicas de produção e estabeleceram relações sociais de trabalho, que fizeram dessas instalações representantes da categoria patrimônio industrial, e como tal devem ser investigadas. Por serem espaços de grandes dimensões existe pressão para ocupação do terreno ou da edificação de cunho industrial. Essas edificações não são meros espaços vazios, são lugares repletos de significado e memórias e, como indagado por Meneguello (2011) estão tomados de sentido. Mas existe uma dualidade: manter o lugar (imóvel) convertido funcionalmente, ou deixá-lo desocupado sendo fruto de disputas econômicas, a ponto de demoli-lo? Mais uma vez se reforça a ideia de qual uso a estrutura ou infraestrutura industrial ou de mobilidade se converterá!

Um patrimônio industrial pode servir para diversas funções: centros culturais, *shoppings centers*, supermercados, locais de trabalho, educação, lazer etc., desde que, como mencionado por Varine (2012), se consulte a comunidade que tenha relação com a instalação e que o novo empreendimento atenda à demanda da localidade, sem, contudo, não deixar de inventariá-lo. A transformação desses lugares em museus de indústria ou museus industriais e técnicos também configura uma solução, desde que estejam presentes nas narrativas expositivas as questões sociais, técnicas, tecnológicas e industriais inerentes a essa tipologia de museu. Onde as

memórias difíceis, como a exploração do trabalho, o assédio, a coação, a repressão etc., tão bem definidas por Meneguello (2011), podem ser apresentadas e discutidas nesses espaços, além de ser possível associá-los a grandes danos ambientais e climáticos. E que nessas intervenções arquitetônicas, não haja perdas significativas, como enfatizado por Kühl (2008). Para outras atividades não culturais, as especificidades do edifício devem também ser mantidas e sempre com trabalhos orientados por profissionais dedicados ao tema.

Na realidade, em relação à preservação do patrimônio industrial, sempre há o embate entre o ideal e o real. Concretamente, todo patrimônio industrial deve ser inventariado, mesmo antes do encerramento de suas atividades, pois as disputas por esses lugares muitas vezes são perdidas para as construtoras. Desta forma, para que esses exemplares industriais e as infraestruturas que deram suporte ao desenvolvimento industrial da cidade do Rio de Janeiro não desapareçam do cenário da cidade, é iminente que sejam convertidos funcionalmente.

Muitas dessas edificações de origem industrial na cidade poderiam, após conversão funcional, ser também transformadas em habitações populares e, assim, fazer parte de políticas públicas habitacionais. Infelizmente muitas dessas edificações já foram totalmente descaracterizadas, podendo, sem maiores traumas, serem convertidas para tal função. Como moradia popular, ajudariam a diminuir consideravelmente o *déficit* de habitações e potencialmente reduzir a população em situação de rua, extremamente vulnerável, e o número de desabrigados, vítimas das ocupações desordenadas em edificações precárias. O mesmo ocorre com a questão educacional e assistencial.

No Rio de Janeiro, o complexo industrial da antiga fábrica da Perfumaria Kanitz, por exemplo, é dotado de uma área de 2.809m² de extensão construída e de 2.551m², de área de terreno (PATRÃO, 2010). A edificação já serviu de inspiração para dois projetos de conclusão de curso de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Faculdade de Arquitetura em Urbanismo – UFRJ/FAU. O primeiro, de Carolina Krebs da Silva (2007), propunha a utilização do espaço para um albergue, e o segundo, de Daniela Di Blasi Pinto (2016), apresenta a área como lugar de produção, encontros para o público em geral.

Quanto à antiga Estação Ferroviária Leopoldina, desde sua desativação, passou a ser alvo de diversas especulações para novos usos, como museu, *shopping center*, passando pela reativação da estação, com a construção de um trem de alta velocidade (TAV) previsto para a Copa do Mundo de 2014, que também não saiu do papel (LUCENA, 2019, p.2). Mais recentemente (2022) um acordo firmado entre o Ministério Público e a Supervia promete

revitalizar a estação, transformando a edificação em um Mercado Público e num centro cultural (GRANCHI, 2022, p.1).

Nas instalações da antiga estação, ainda estão armazenados o acervo histórico da malha ferroviária do Rio de Janeiro, com proposta de digitalização desse acervo em parceria do Ministério Público do Rio de Janeiro e a Secretaria de Transportes do Estado. Com riscos iminentes de incêndios e desabamentos, o Ministério Público Federal “obteve, liminar da Justiça Federal ordenando que os proprietários do imóvel executem obras emergenciais” (DIÁRIO DO PORTO, 2018, p.3).

Sem as restaurações e os reparos necessários, e sem uma conversão funcional oficial, o espaço da antiga Estação Ferroviária Leopoldina já foi cedido para festivais de música e festas particulares, comprometendo consideravelmente a integridade do lugar. Localizada, segundo a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, na Região Administrativa da Tijuca, que engloba a Praça da Bandeira, a área é carente de muitos investimentos, apesar da sua localização central.

Apesar de abandonados, esses imóveis não se manterão desta forma por muito tempo, uma vez que são construções quase centenárias e em localidades muito valorizadas, que seguindo o curso normal da expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro, ou serão convertidas funcionalmente ou demolidas. E na defesa da preservação do patrimônio industrial, cada autor a sua maneira exerce seus pontos de vistas.

Segundo a linha de pensamento de Meneguello (2011), os lugares onde estão instaladas a antiga fábrica da Perfumaria Kanitz ou a Estação Ferroviária, uma vez convertidas, perderão suas essências industriais, e todas as memórias e experiências que ali estiveram se perderão, mas de certa forma, acreditamos que se convertidas funcionalmente para museus ou roteiros turísticos, por exemplo, pouco ou quase nada se perderia, pois nesse tipo de museu industrial e técnico ou rotas turísticas, que são locais propícios para demonstrar a trajetória industrial e os avanços tecnológicos e as vivências de trabalho, considerando também que os museus são espaços para debates e discussões atuais. Da mesma forma, as intervenções nesses espaços para tais fins tendem a respeitar mais as características industriais, evitando desta forma perdas irreparáveis como apontado por Kühl (2008). Já para Varine (2012) e Bergeron e Dorel-Ferré (1996), as conversões funcionais dessas instalações não seriam um problema, uma vez que, o patrimônio, no caso industrial, ganharia uma “segunda vida” e permitiria sustentabilidade para a área, desde que haja envolvimento com a comunidade local. Desta forma, as edificações aqui apresentadas, uma vez convertidas, além

de se manterem na paisagem urbana da cidade evitando sua demolição e atendendo às demandas da sociedade local, fornecem também aos pesquisadores, elementos capazes de compreender o processo industrial de seus períodos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, diante do esfacelamento da área cultural, onde vemos parte significativa do patrimônio industrial subaproveitado, por falta de investimentos e diante das demandas da sociedade contemporânea, por moradia, educação, lazer, cultura e trabalho, a conversão funcional dessas instalações que no passado tiveram importante participação na vida econômica, social, política e cultural da cidade, possa promover a sustentabilidade do local.

Mesmo tombados, esses imóveis precisam ser utilizados para outras funções, porque seus tombamentos não garantem suas sobrevivências, como já ocorreu em outros casos, quando a edificação, sem uso, foi destombada para atender a interesses políticos, econômicos e na maioria das vezes imobiliários. Uma vez ocupados, seja para atender as áreas culturais, sociais ou comerciais, permite, de certa forma, encontrar no local vestígios da sua materialidade industrial. Como reafirmado pelos autores aqui apresentados, é sempre necessário que a população local seja consultada, até mesmo para conhecer quais relações a comunidade tem com a referida edificação, para que não se reforcem traumas desnecessários e possam realizar a melhor forma de conversão funcional possível. Para tal interação é imprescindível que se desenvolva nos meios educacionais uma consciência patrimonial, onde os grupos sociais se sintam parte integrante desse processo de conversão. Uma vez envolvidos, a própria população pode cobrar mais ações do poder público, reforçando o discurso preservacionista das entidades em defesa do patrimônio cultural.

As edificações da antiga fábrica da Perfumaria Kanitz e da antiga Estação Ferroviária da Leopoldina são apenas alguns exemplos da situação atual de abandono em que se encontra o patrimônio industrial carioca sem uso. Diversas soluções podem ser encontradas para que essas edificações não sejam demolidas, pois, como vimos apenas os seus tombamentos não garantem a esses e nem a outros lugares de memórias coletivas, sua manutenção, principalmente se elas forem alvo de interesses econômicos, políticos e imobiliários. Todas as possibilidades devem ser avaliadas para que a sociedade carioca, não venha cada vez mais perder seus patrimônios culturais.

REFERÊNCIAS

BAER, Werner. **A industrialização e o desenvolvimento econômico**. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

BERGERON, Louis; DOREL-FERRÉ, Gracia. **Le patrimoine industriel: um nouveau territoire**. Paris: Ed. Liris, 1996. Disponível em: www.patrimoineindustriel-apic.com/N/i22.html Acesso em: 29 jan. 2021.

CASTELNOU NETO, Antonio Manoel N. A intervenção arquitetônica em obras existentes. **Semina: Ciências Exatas e Tecnológicas**, Londrina, v. 13, n. 4, p. 265-268, dez. 1992. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/semexatas/article/viewFile/3200/2681>. Acesso em: 29 out. 2021.

DIÁRIO DO PORTO. **Sob ameaça, estação da Leopoldina terá acervo digitalizado**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://diariodoporto.com.br/sob-ameaca-estacao-da-leopoldina-tera-acervo-digitalizado/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GRANCHI, Renata. Após anos de abandono, Estação Leopoldina será revitalizada. **Diário do Rio**. Rio de Janeiro, 14 maio 2022. Disponível em: <https://diariodorio.com/apos-anos-de-abandono-estacao-leopoldina-sera-revitalizada/>. Acesso em 20 maio 2022.

GUIA do patrimônio cultural carioca: bens tombados 2014. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2014.

KANITZ. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.lojakanitz.com.br/empresa>. Acesso em: 22 jan. 2022.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: **problemas teóricos de restauro**. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

LUCENA, Felipe. História da Estação Leopoldina. **Diário do Rio**. Rio de Janeiro, 21 ago. 2019. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-da-estacao-leopoldina-2/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

MARTINS, Ana Paula Ramos da Silva Dutra. **O Patrimônio eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação**. Orientador: Cláudia Carvalho Leme Nóbrega. 2009. 402 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp135681.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

MATTOS, Ilmar Rohloff de; DOTTORI, Ella Grinsztein; SILVA, José Luiz Werneck da. **Brasil uma história dinâmica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. 2. v.

MENEGUELLO, Cristina. As ruínas do futuro e o novo patrimônio industrial. **Docplayer**, [S.l.], p. 249-255, 2011. Entrevista [jun.2011]. Disponível em: <https://docplayer.com.br/75689110-As-ruinas-do-futuro-e-o-novo-patrimonio-industrial-entrevista-com-cristina-meneguello.html>. Acesso em: 19 jan. 2022. Acesso em: 11 jan. 2020.

OLIVEIRA, Luís Valente de; RICUPERO, Rubens (org.). **A abertura dos Portos**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

PATRÃO, Luis André (prod.) Memorial descritivo Fábrica Perfumaria Kanitz. Rio de Janeiro, 14 nov. 2010. Vídeo (5:45). <https://www.youtube.com/watch?v=-62DCUxwSG0>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PINTO, Daniela Di Blasi. **Intervenção na antiga Perfumaria Kanitz: MEDIATECA FAU**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em:

http://www.mEDIATECA.fau.ufrj.br/?p=projetos&id=1514&busca=&flt_banca=40&pg=1.

Acesso em: 22 jan. 2021.

RIBEIRO, Maria Alice. O mercado de trabalho na cidade de São Paulo. In: SILVA, Sérgio S.; SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). **História econômica da Primeira República**. 2. ed. rev. São Paulo: Edusp, 2002. p. 341-368.

SILVA, Carolina Krebs da. **Albergue na antiga Perfumaria Kanitz (Praça da Cruz Vermelha)**.

Orientador: Rosina Trevisan Martins Ribeiro. 2007. Trabalho de conclusão de curso.

(Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

TICCIH-BRASIL. **Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial**. Assis: Unesp, 2003a.

Disponível em: <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/>. Acesso em: 4 set. 2021.

TICCIH-BRASIL. **Carta manifesto**. Assis: Unesp, 2003b. Disponível em:

<https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-manifesto-2003/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos.

História: o mundo por um fio: do século XX ao XXI. São Paulo: Saraiva, 2010. v. 3.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento**

local. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.